

## Sem competitividade não há rendimentos sustentáveis



António Saraiva

O flagelo da inflação está a alastrar-se, surpreendendo o mundo com a mesma rapidez que a covid-19.

Todos sabíamos que era possível que um poderoso e altamente infeccioso vírus suspendesse o nosso modo de vida; todos sabíamos que uma intensa e prolongada alta dos preços poderia chegar, provocando consequências tão fortes que ameaçariam o equilíbrio social e, nalguns casos, político das nações. Pandémia e inflação são velhos inimigos há muito conhecidos, mas que de certa forma pareciam ter lugar apenas nos livros de História; ameaças distantes que apenas preocupavam virologistas ou economistas.

E, de repente, a pandemia virou o mundo do avesso e a inflação, que tantos julgavam passageira como as chuvas de abril, aqui está entre nós com todo o seu poder destrutivo. Já são raros os políticos tentados a desvalorizar a profundidade desta violenta alta de preços global. As circunstâncias e os factos

obrigaram até o Banco Central Europeu a rever a sua leitura inicial – seria um movimento temporário – e hoje já é claro que as taxas de juros negativas vão sair rapidamente de cena.

A crise das dívidas soberanas, e depois a pandemia, justificou a aplicação de medidas de choque, construídas para dar um necessário choque – e um cheque – de vida às economias. Claro, o recurso a ferramentas não convencionais, que muito ajudaram Portugal, levantaram desde a primeira hora o sobrolho da Alemanha e da Holanda. Apesar disso, o BCE manteve a sua política expansionista a quase todo o vapor durante algum tempo, mesmo quando a inflação começava já a avançar, contrariando o que já estava a acontecer na Reserva Federal e no Banco de Inglaterra, ou seja, o regresso a uma sequência de subidas consecutivas das taxas de juro referência.

A terrível guerra da Rússia na Ucrânia virou, entretanto, o mercado energético do avesso, os preços dispararam, a incerteza sobre os abastecimentos agravou o problema e o otimismo de Christine Lagarde teve de dar lugar ao reconhecimento de que a inflação está, afinal, para durar e a política tem, no mínimo, de regressar a “configurações mais normais”.

E é assim que chego à Concertação Social. Portugal enfrenta este grave momento de crise com a estabilidade política blindada por um Governo de maioria absoluta. É uma boa

notícia por várias razões, mas talvez a mais importante seja o facto de a inflação, que a prazo pode transformar-se em estagflação, ser um poderoso destruidor da coesão social. Não podem sobrar quaisquer dúvidas: a inflação provoca erosão dos rendimentos e reduz o consumo interno.

Portugal é um país com uma evidente fragilidade económica que se reflete no baixo rendimento disponível das famílias. O aumento do custo de vida afeta tudo e todos, trabalhadores e empresas; os mais vulneráveis sofrem o impacto imediato nos seus consumos e investimentos. Infelizmente, a inflação pode dar lugar a estagflação e é isso que temos de evitar: preços sempre a subir, crescimento nulo ou negativo e desemprego a aumentar.



**Seria trágico que se procurasse compensar perdas futuras provocadas pela inflação através do aumento agressivo dos salários**

A guerra desencadeada pela Rússia tem na Ucrânia a principal vítima. As mortes e destruição já atingiram uma magnitude surreal. Penso, no entanto, que, apesar da enorme diferença, a Rússia tem em curso duas guerras – uma guerra militar na Ucrânia e uma guerra económica contra a Europa e os Estados Unidos. Esta outra guerra não faz mortos, mas vai gerar pobreza, empobrecimento, falências e instabilidade social e política.

A Concertação Social surge, assim, com uma oportunidade para que Portugal consiga percorrer o caminho estreito que ainda existe para evitar problemas muito maiores. A CIP e os empresários têm a perfeita noção do impacto da inflação nos trabalhadores. No entanto, quando o país começar a discutir o Acordo de Competitividade e Rendimentos – a ordem das palavras deve ser esta, porque sem competitividade não há rendimentos sustentáveis –, seria trágico que se procurasse compensar as perdas futuras provocadas pela inflação através do aumento agressivo dos salários. O resultado seria mais e mais inflação, destruição de empresas e mais desemprego. É, por isso, fundamental que as exigências sejam temperadas. Aumentar salários sem critério alimenta o monstro da inflação e semeia as condições para uma crise profunda e estrutural.

**Presidente da CIP – Confederação Empresarial de Portugal**